



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Miss Portugal

AUTOR

André Murraças

ANO

2012

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea
www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

André Murraças

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Miss Portugal

AUTOR

André Murraças

ANO

2012

Este texto teve estreia em 2012,
nas Curtas, Primeiros Sintomas,
Lisboa. Encenação de Anabela
Brígida e Joaquim René

2015 Coimbra



André Murraças

1974. É encenador, dramaturgo, cenógrafo e intérprete, tendo também experiência profissional na área de cinema, televisão e jornalismo. Licenciado em Realização Plástica do Espectáculo, da Escola Superior de Teatro e Cinema, acabou com distinção o Master of Arts in Scenography da Hogeschool voor de Kunsten, em Utrecht, na Holanda. Teve ainda formação com Simon Stephens, Jorge Silva Melo, David Harrower, William Forsythe, Thomas Lehmen, Jan Ritsema e Rebecca Schneider. Recebeu o Prémio de Edição de Texto, do concurso "O Teatro na Década 2003", do Clube Português de Artes e Ideias, com o seu texto *O Espelho do Narciso Gordo* (Editora 101 noites), que se juntou ao Prémio de Reposição "O Teatro na Década 2001", com o texto *As Peças Amorosas*, editado em livro no ano de 2006. Também no Clube Português de Artes e Ideias, integra a colectânea *Jovens Escritores '03* (Editora 101 Noites), como seleccionado na área de Literatura da mostra de Jovens Criadores '03. Em 2005, na mesma área, foi escolhido para a Bienal de Jovens Criadores da Europa e do Mediterrâneo, em Atenas, Grécia. Em 2011, foi seleccionado para representar Portugal na área da escrita no seminário da Sala Beckett, em Barcelona, orientado por Simon Stephens e em 2013 representou Portugal com o texto *Império, nos Chantiers d'Europe*, em Paris, no Théâtre de la Ville. É também autor dos textos dos seguintes espectáculos de teatro: *Os Pássaros*, *Teatro Noir*, *Cândida - Uma História Portuguesa*, *Sex Zombie - a vida de Veronica Lake*, *Film Noir*, *Um Passeio, Hollywood*, *One Night Only - uma rádio-conferência*, *Um Marido Ideal*, *Louis Lingg*, *Pour Homme*, *Swingers* e *As palavras são o meu negócio*.

ELA:

A fralda do puto. Os piolhos da mais nova. As contas e as compras. A casa de banho entupida. O jantar na mãe e o almoço na sogra. Uma máquina de roupa. Um duche frio com sabão azul e branco. E cada dia pior e pior e pior.

Como é que um país pode sobreviver sem a sua Miss? Como é que eu sobrevivo sem a minha Miss Portugal? Desde 2002 que o país não escolhe uma Miss Portugal. Tanto tempo sem misses na televisão...

São muitos anos sem concurso. Muitos anos sem saber quem ganha. Todos os anos, eu, sentada a ver, ali, no sofá... Aquilo na 1.

Um ano a acompanhar as candidatas... Quem eram, de onde vinham... E depois a cerimónia. A transformação. E agora, nada. Nada. Um vazio. Noites no sofá a ver novelas... Enfim.

O outro dizia que tenho problemas. Dizia que devo ser maluquinha, que isto tem graça mas que não é muito normal. Esta coisa das misses. De eu e das misses. Dizia... Ele dizia que eu não sou bonita. E que ainda bem. Ele gostava de mim, eu sei. Dizia que não sou bonita porque era honesto. O casamento devia ser baseado na honestidade. Assim achava eu...

Quase que não casávamos. A cerimónia foi num dia de misses na televisão e eu estava tão desnorteada com as raparigas e sempre a espreitar a preparação que iam dando de manhã em directo. Ele disse que mais valia eu casar com o Clímaco. Que eu gostava mais das misses do que do meu futuro marido. Não é verdade. Quer dizer, se calhar é. São gostares diferentes. Acho.

Ele era mecânico. Agora não sei. Separámo-nos. Divorciámo-nos. No mesmo ano que acabaram as Misses. Isto foi... há dez... ou mais. Sim, por aí, dez ou mais. Dez anos sem Misses. E sem marido.

Nós vivemos juntos uns meses antes de casar. Depois a vida a dois. E todos os anos, Misses na televisão. No princípio ele até via as emissões comigo.

Depois não. Depois gozava. Depois irritava-se. Depois bebia. Depois a criança, a minha mais velha. Depois a Fátima do andar de cima. Depois a Sheila do café. Depois problemas com a filha do primeiro casamento e a ex-mulher na droga. Depois o nosso segundo filho, o meu mais novo. Depois os gritos e o dinheiro a ir-se da carteira. As coisas no prego.

A birra do puto. Os maus modos da mais nova. As facturas e os talões. O jantar na sogra e o almoço na mãe. A cozinha inundada. Mais uma máquina de roupa. Outro duche frio com sabão azul e branco. E cada dia pior e pior e pior.

Dizia eu... Quando eu e ele namorávamos, as misses ainda davam na televisão. 1993. Eu e ele. Juntos. O primeiro beijo e a Carla Marisa da Cruz a ser coroada na televisão. Eram belos dias esses.

Um ano depois pediu-me em casamento. Eu disse que sim ao mesmo tempo que a Mónica Sofia Borges gritava de alegria por ser a eleita.

1995. A Adrianna Iria ganhou e eu ganhei um filho. Ganhámos.

A seguir, a Rita Carvalho no topo do mundo e eu desempregada. Ele era mecânico. Ainda é mecânico. Ou era. Já não o vejo há....

1997. A Lara Antunes na televisão e nós os três ainda em casa dos meus pais. Mete na bola, dizia ele. Mete essa porra no Benfica! Estava-se a borifar para as Misses. Eu não. Mas mudámos para o jogo e só no outro dia é que soube quem tinha ganho.

A seguir, um ano passado e tudo a correr ainda pior. Quando disseram à Icilia Berenguel que ela era a mulher mais bela de Portugal, a mim disseram-me que ele andava a papar a Isabel do segundo esquerdo. Uma vergonha.

Um ano depois de me partir o coração, partiu-me a televisão e eu tive de ir à minha vizinha ver a coisa que eu não podia perder aquilo por nada.

A gripe do puto. O aparelho da mais nova. O crédito e os juros. O jantar na igreja e o almoço na vizinha. A infiltração no quarto. Mais uma máquina de roupa. Outro duche rio com sabão azul e branco. E cada dia pior e pior e pior.

Depois nem homem nem misses. O puto a precisar de óculos e a minha mais velha a pedir ténis. *Porque é que não pedes um vestido de noite e uma tiara?* *Fazem uma mulher tão feliz, filha...* E a minha mais velha diz-me: *Tu queres ser miss eu quero ser médica.* E a miúda a explicar-me e eu sinceramente a não ouvir. Amo-a, a ela e ao irmão. Incondicionalmente e para sempre. Mas desligo quando penso em tafetás e rendas, rímel e batons. Ramos de flores e flashes. A capa do correio da manhã do dia seguinte. Penso nisso e em mim naquele palco, em directo na tv a dizer: quando eu for eleita Miss Portugal, vou levar a beleza do meu país ao estrangeiro e fazê-los pensar, afinal Portugal é um sítio onde até existem coisas bonitas...



centro de
dramaturgia
contemporânea